

GT 09: Antropologia das Emoções

**A EXPERIÊNCIA ANSIOSA: TRATADO DE RELATOS EMOCIONAIS DO  
RETORNO ÀS AULAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO CEARÁ<sup>1</sup>**

Alef de Oliveira Lima  
Doutor em Antropologia Social - SEDUC/CE  
[aleflimaufrgs@gmail.com](mailto:aleflimaufrgs@gmail.com)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022. Curitiba/Paraná. Evento online.

## **A EXPERIÊNCIA ANSIOSA: TRATADO DE RELATOS EMOCIONAIS DO RETORNO ÀS AULAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO CEARÁ**

### Resumo

Contemporaneamente é difícil abordar com exatidão os efeitos da crise pandêmica (2020-2022) ainda em processo de dissolução no mundo. No campo da educação os chamados “prejuízos de aprendizagem” são apontados a partir de gráficos numéricos, tabelas de rendimentos, ranqueamento de desempenho que procuram situar quantitativamente os impactos educacionais em termos de performance acadêmica do alunado no período de Ensino Remoto e o quanto tal contexto desestabilizou, no caso do Estado do Ceará, um avanço progressivo nas áreas de língua portuguesa e matemática. Do outro lado da questão, o sujeito do desempenho, o sujeito da aprendizagem. O que fica dele, além do número? Este trabalho procura interpretar a experiência ansiosa de um conjunto de alunos e alunas da rede pública estadual cearense, tomando como protótipo de reflexão seus relatos emocionais acerca da angústia vivenciada no retorno as aulas, que ocorreu no final de 2021. O material empírico desse artigo ancora-se em duas fontes: tanto minha participação como professor da educação básica que presencia de perto a angústia dos/as adolescentes; quanto os depoimentos coletados dos/das discentes em que descrevem as sensações e a dimensão emocional de sua, assim chamada, ansiedade. Por mais que não haja nenhum laudo diagnóstico específico assegurando um quadro psicopatológico, muitos/as jovens dissecam uma constelação de sintomas comuns: boca seca, dor de cabeça, choro, falta de ar, sensação impulsiva de tristeza e inutilidade, perda momentânea da consciência em alguns casos. A proposta do texto, em um tom etnográfico é desvelar com ajuda da antropologia das emoções as imbricações entre a experiência emocional e, simultaneamente, corporal relatada pelos/as discentes e o próprio processo de escolarização no clima pós-pandemia. Parte dos resultados estabelecem duas possíveis causalidades: 1. A pandemia não acabou, há uma continuidade temporalizada nas emoções e 2. A escolarização não funciona apenas como forma de recalçamento emocional e controle institucional – ela, propicia, à revelia de sua intencionalidade, chorar um luto de alguma coisa que não se sabe que foi perdida.

Palavras-chaves: ANTROPOLOGIA DAS EMOÇÕES; ESCOLARIZAÇÃO; ANSIEDADE

## Primeira parte: o contexto

Sabemos por experiência própria o que é ter a sensação de borboletas no estômago antes de momentos que julgamos decisivos ou apenas cerimoniais em nossas vidas. Parece que minúsculas asas se debatem em nossa barriga explorando os recantos da carne, então ficamos nervosos, tensos, alguns duros, petrificados pela sensação angustiante de algo, sabendo-se ou não exatamente o que é, mas que vai acontecer. Outros, ficam moles, melindrosos, relutantes. De toda forma a imagem de um futuro surge materializando-se em fluxos de sensações e pensamentos, alternando-se entre sentimentos difusos e efeitos corpóreos como suor, leves tonturas, tremeliques nas mãos, gagueira ocasional, vertigem e tudo parece tão intenso e tão confuso que esquecemos a situação presente e ficamos ali no interregno entre o acontecido e o fluxo do acontecimento. A ansiedade parece ser tanto o nervosismo comum das primeiras coisas, das cerimônias, dos embaraços cotidianos; quanto, é talvez, na experiência contemporânea uma sintomatologia de “excesso de futuro” como afirmam alguns psicólogos (CASTILLO *et al*, 2000).

A proposta geral deste texto é recontar por meio de depoimentos, notas de campo e observação participante um quadro de experiências emocionais relatadas por jovens que cursam o ensino médio profissionalizante em uma escola estadual na zona interiorana do Ceará. Por esse motivo talvez seja complexo definir de antemão o que é ou não a ansiedade, dado a existência de uma literatura clínica especializada da temática. Mas, se pode delinear a partir do registro de pesquisa acerca da Escola Estadual de Ensino Profissionalizante (E.E.P.) Alan Pinho Tabosa<sup>2</sup>, durante o primeiro semestre de 2022 uma série de casos mais ou menos semelhantes de uma espécie de angústia<sup>3</sup> recorrente em alunos e alunas das mais variadas séries, demandando que a instituição escolar performance distintas estratégias de cuidado: 1. A escuta ativa dos queixosos/as, 2. O

---

<sup>2</sup> A Escola Estadual de Ensino Profissional Alan Pinho Tabosa nasceu em junho de 2011 e se tornou uma escola de referência na abordagem de Aprendizagem Cooperativa no Ceará. No seu histórico é parte de um movimento educativo (conhecido institucionalmente como: PRECE - Programa de Educação em Células Cooperativas) que tem por base a cooperação, a interdependência positiva, responsabilidade individual e o trabalho em célula enquanto motes dos processos de aprendizagem. Apesar de ser um movimento popular, desenvolvido na zona rural, a modalidade da Aprendizagem Cooperativa foi comum na Universidade do Ceará por seu desempenho em trazer alunos das camadas populares para o ensino superior. Atualmente o PRECE está desmobilizado devido as novas ingerências políticas-administrativas da reitoria da UFC. Mas, a E. E. P. Alan Pinho Tabosa que é fruto da institucionalização do movimento que continua funcionando. Inclusive diversificando seu alcance e promovendo debates em outras instituições de ensino. Ver, Instituto Coração de Estudante, Disponível em: <<https://www.instagram.com/accounts/login/?next=/instituto.coracao.de.estudante/>>. Acesso em 10/07/2022.

<sup>3</sup> Apesar de não constituir no texto uma categoria específica de afetos, a noção de angústia tem uma importante trajetória analítica na psicanálise freudiana e lacaniana.

encaminhamento a sala de espera da coordenação e a comunicação aos responsáveis, 3. A oferta de chá de camomila, erva-doce, maracujá ou hortelã, 4. O incentivo a respiração guiada como forma de tranquilizar os estudantes.

Eu reparei nessa realidade, em um primeiro momento, na condição de professor. Havia apenas alguns meses que fui convocado após realizar um concurso para a Educação Básica em 2018. De agosto até outubro de 2021 as aulas ocorriam em formato de Ensino Remoto, nos meses seguintes com a flexibilização da quarentena e novos decretos no âmbito da administração estadual as escolas puderem reorganizar seu planejamento para um modelo de aulas híbrido – mesclando a oferta de conteúdos de ensino pelas salas de aulas virtuais vinculadas ao Google Class e aulas presenciais com o intuito de promover a recomposição das aprendizagens. Posteriormente, em decisão conjunta, a E.E.P. Alan Pinho Tabosa no final de janeiro de 2022, no decurso da Semana Pedagógica e em consonância com os decretos mais recentes do governo do Estado, acolhe a ideia de iniciar aulas em formato presencial. É a partir de fevereiro desse mesmo ano que se começa um fenômeno aparentemente suspeito e aflitivo, em que algumas das alunas (preferencialmente) mostram-se chorosas, com um nervosismo generalizados e buscam a coordenação da escola. Em poucas semanas, isso se espalha gerando uma onda explícita de queixosos, chorosos e cabisbaixos estudantes que requeriam aos montes da coordenação um alívio. Apinhados no entorno da antessala entre a sala dos professores, a direção e a Coordenação pedagógica. Os/as discentes se prostavam ali, acompanhados de colegas solidários ou espertos, tentando fugir da aula ou ser altruísta diante do passamento alheio.

A situação transcorria em uma rotina de escuta, chás, aviso aos pais, tranquilização, o retorno a sala e em alguns casos a ida para casa. A sensação que parecia vir a torna quando passava diante do espaço minúsculo em que os/as discentes esperavam um atendimento paliativo era que existe uma onda de ansiedade, traduzidas em choros repentinos, rubores, suores, tremores, queixas de mal-estar psíquico, confusão mental, tristeza iminente. Existia ainda casos em que as alunas pediam para ir no banheiro e ali ficam “passando mal” como me diziam as estudantes. Esse “passar mal” significava quase sempre um choro incontrolável acompanhado de falta de ar e as meninas iam lá exatamente, ou no pior dos casos, justamente, para sentir a aflição daquele fluxo de pensamentos e sentimentos sem ter que comparecer a coordenação e explicar o inexplicável de suas emoções. Outras meninas, que via pelos corredores, apenas saiam da sala no momento da aula e choravam, tentavam respirar, engoliam seus sentimentos e

voltavam como se nada tivesse acontecido ou acontecendo. A impressão, talvez, mais próxima que os/as docentes identificavam aquilo tudo com uma “pequena” histeria produzida pelo novo fluxo de aulas presenciais e da demanda de interação humana pós-confinamento.

De toda a forma é a vivência desse contexto que me provocou a investigar essa experiência ansiosa, buscando desenvolver hipóteses antropológicas para o desenrolar daquelas situações que se avolumavam no decorrer das semanas. O olhar da Antropologia das Emoções bem como o recorte etnográfico estavam alinhados com o foco que gostaria de dar à minha abordagem: reparar diferentes discursos e sentidos atribuídos a esse misto de pensamentos-sentimentos-sensações que perfaziam o cotidiano da escola. A escolha por uma perspectiva etnográfica seguiu minhas próprias inclinações como pesquisador, trabalhar com um diário de campo, entrevistas semiestruturadas, conversas informais pareceram impor um processo de entendimento que tanto relaciona-se o contexto social pós-quarentena; quanto possibilitava examinar a vivência da ansiedade na forma de uma sintomática relacionada a uma mistura de causas: gatilhos subjetivos, imaginários, expectativas e o próprio fenômeno da escolarização<sup>4</sup>.

### **Segunda parte: quando cada caso é um caso e quando cada caso é o mesmo caso?**

No dia 22 de maio, vejo que o diretor posta algo no grupo interno do WhatsApp do colégio; é uma notícia de uma escola em Pernambuco cujos alunos foram atendidos por uma unidade do SAMU em um momento coletivo de crise de ansiedade. Um pouco mais tarde encontrei a referida notícia em um portal de reportagens online, descobri que o caso não ocorreu apenas em uma escola:

Cerca de 20 alunos de duas escolas do Recife precisaram ser atendidos por equipes do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) e do Corpo de Bombeiros, nesta quinta-feira (19), com sintomas de crise de ansiedade. Os casos aconteceram na Escola Creuza Barreto Dornelas Câmara, no bairro da Torre, e na Escola De Referência Em Ensino Médio (Erem) Professor Mardônio de Andrade Lima Coelho, na Bomba do Hemetério. O primeiro caso aconteceu pela manhã, na Escola Creuza Barreto Dornelas Câmara, quando os alunos se assustaram com uma perseguição policial que resultou na prisão de um suspeito dentro das imediações da escola, que havia pulado o muro da unidade. A ação foi confirmada pela Secretaria Estadual de Educação. De acordo com a Secretaria de Saúde (SESAU) do Recife, dois estudantes passaram mal e apresentaram sintomas de crise de ansiedade. Duas unidades do Samu foram ao local e prestaram assistência aos alunos. Ninguém precisou ser removido para unidades de saúde. Após o ocorrido, segundo a Secretaria de Educação e Esportes do Estado, as aulas foram suspensas pelo restante do dia, mas estão mantidas para esta sexta-feira. Já o segundo caso, na Erem Professor Mardônio de Andrade Lima Coelho, aconteceu durante a tarde.

---

<sup>4</sup> Diversas abordagens psicológicas reforçam uma variedade de causas para as emoções, tanto questões de ordem biológica, neural e afecções intracranianas ou questões de ordem evolutiva, cognitiva e sociocultural (MIGUEL, 2015) não havendo uma interpretação completamente hegemônica.

Pouco mais de 20 alunos foram atendidos por equipes do Corpo de Bombeiros e Samu. De acordo com a Secretaria de Educação e Esportes, os estudantes apresentavam crises de choro e de ansiedade. Após o atendimento, todos foram liberados com a chegada dos responsáveis. (Folha de Pernambuco, 19/05/2022.)<sup>5</sup>

Talvez seja um risco relacionar abruptamente o ocorrido nessas duas escolas com a situação vivenciada na E.E.P. Alan Pinho Tabosa, ou quiçá seja justamente a proximidade da diferença que ajude a entender um pouco mais que experiência é essa nomeada tão facilmente como ansiedade. Lembro-me que nesse dia em particular, o diretor em uma pós-reunião junto a Coordenadoria Regional de Educação (CREDE) afirmou que “nós não éramos a única escola a vivenciar tais crises de ansiedade”. Ele relatou isso, enfatizando sutilmente que existe, sim, uma revoada coletiva nos/as estudantes de uma angústia generalizada em que a escola se transforma em palco – não exatamente por ser a causa – mas, por ser o espaço da expressão de tal angústia. A situação espraiava-se pelas escolas públicas em menor ou maior grau de visibilidade. A escola lidava com a impressão displicente de alguns pais que confundiam intencionalmente a ansiedade com “frescura” de pouco importância e também com a necessidade de “rotinizar” esses episódios dentro da dinâmica escolar, mesmo sem profissionais da psicologia especializados para lidar com a questão.

Um efeito dominó, um contágio, um passe. Os episódios bombardeavam a coordenação e os professores não entendiam o que acontecia. A escola até criou uma iniciativa voluntária com ajuda de psicólogos em formação para auxiliar alguns estudantes que gostaria de iniciar esporadicamente um atendimento psicoterápico. O programa foi denominado o “Psi tá On” em referência ao fato de as consultas serem via vídeo. Uma saleta foi reservada e alguns alunos e alunas se inscreviam, o atendimento dura em média 30 minutos. A proposta foi produzida a partir do contato com uma ex-aluna que é formada em psicologia. Apesar de boa, é crível afirmar que a iniciativa composta inicialmente por sete profissionais, não comportava o número crescente de atendimento e tão pouco servia enquanto uma psicoterapia intensiva e de longo prazo, variando mensalmente os atendimentos. Todavia, significava aos olhos da comunidade escolar um ponto de apoio sobre o que fazer. Além do mais, a ideia era ampliar o programa de tal forma a criar parcerias de encaminhamento para as redes de acolhimento em saúde mental públicas.

---

<sup>5</sup> Disponível em:< <https://www.folhape.com.br/noticias/duas-escolas-no-recife-registram-casos-de-crise-de-ansiedade-em-alunos/227483/>>. Acesso em 20/05/2022.

Todo esse contexto e o fluxo das situações pareciam irromper em uma inflexão crítica – mas, ao longo dos meses houve uma acomodação dos casos, sua diminuição ou, na realidade, uma naturalização do saber-fazer que deixou mais factível e fácil lidar com as crises dos/as discentes. Nesse processo é que lanço o atual projeto de pesquisa afim de escutar *in loco* os/as adolescentes para interpretar essa experiência ansiosa em seus próprios termos, longe de um registro estritamente institucional e longe também de um interesse psicologizante de suas emoções. Inicialmente parecia razoável, no meu dia de planejamento reservava duas horas para as entrevistas, avisava nas turmas do projeto e de seu formatado. Antes havia enviado a coordenação um modelo geral do projeto com resumo, abordagem, metodologia, objetivos e uma curta bibliografia<sup>6</sup>. Mas, entre o início do projeto e as entrevistas decorreram as avaliações bimestrais e poucos estudantes se viram instigados a participar. Assim, não restou muito a não ser trazer análises preliminares resultantes de duas entrevistas de duração entre 20 e 30 minutos e um conjunto esparsados de notas de campo.

A construção da abordagem antropológica para as situações que via seja: o nervosismo, a circunstância crítica de algumas estudantes que tendiam ao desmaio; ou a sensação de sufocamento que eu mesmo sentia ao passar pela antessala repleta de alunos/as, remetiam as minhas leituras da Antropologia das Emoções e em parte a análise fenomenológica das práticas culturais produzida pelo antropólogo estadunidense Thomas Csordas (2008). De um lado, as emoções podiam ser vislumbradas enquanto uma realidade de práticas discursivas munidas, outrossim, de capacidade micropolítica (ABU-LUGHOD; LUTZ, 1990). Do outro a corporeidade se projetava na forma de um atributo inegável dos fenômenos culturais, ou mais precisamente para se analisar a cultura se tem que parti do corpo, do sujeito em suas sensações, peles, músculos, suores, lágrimas. Apesar de ambas admitirem um viés antropológico para os sentimentos em seus atributos sociais e contextuais, sua combinação parecia encaminhar um lugar comum – tanto a dimensão micropolítica das realidades e práticas emocionais era úteis a uma análise que privilegiasse os contextos amplos e discursivos do fenômeno – quanto, um olhar fenomenológico engrossaria os aspectos mais visíveis e talvez menos escutados do que estava ocorrendo.

---

<sup>6</sup> A saber, os procedimentos éticos-legais da pesquisa contaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os/as adolescentes, com Declaração de Ciência enviada aos pais do/as participantes e um Termo de Anuência assinado pelo diretor responsável. Para preservar os/as discentes todos os nomes aqui citados são fictícios.

Por esse motivo preciso admitir que as entrevistas e o modo de as realizar seguiu esse duplo recorte. Eu fazia perguntas contextuais: sobre a escola, família, amigos, a impressão geral sobre a vivência dentro da comunidade escolar; como, tentava buscar descrições, detalhamentos da experiência vivida dentro dos depoimentos que pudessem de alguma maneira relacionar o contexto e a expressão da ansiedade. Bem, tratando-se de entrevistas abertas com um roteiro de tópicos é bastante comum que os/as entrevistados/as tenham receio de responder algumas perguntas e o fato de estarem conversando com um de seus professores também afeta suas respostas. Entretanto, preciso reconhecer que as adolescentes (sim, apenas meninas concordaram com a entrevistas) tinham um domínio impressionante da vivência, detalhes corpóreos eram gesticulados, o receio era rapidamente rompido quando se percebiam podendo compartilhar a experiência de forma cognoscível a outra pessoa, sem julgamentos e sem olhares de curiosidade. Manejar essa relação de poder exigia de mim uma habilidade de não ser professor e encarnar o etnógrafo, o que significava exercer uma intencionalidade da interação que não era pedagógica, e sim, epistemológica.

Apesar do pouco material analítico, as entrevistas trouxeram questões além daquilo que eu imaginava ou mesmo projetava nas minhas primeiras impressões. A razão desse erro era supor que o contexto da escola se não fosse o gatilho fundamental da ansiedade, era minimamente um aspecto constituinte de situações estressoras que a desencadeavam. Porém, se eu posso lançar mão de uma perspectiva preliminar, diria: a escola é um palco expressivo muito mais pela densidade de interações aos quais os/as estudantes são submetidos. A intensidade de contatos sociais, a incidência de uma nova rotinização, os aspectos interacionais das emoções, as amizades, inimizadas, rubores e paixões vão expondo os/as discentes aos seus próprios sentimentos. A escola é muito mais uma lente de aumento do que a causa. É o lugar de onde parte a mensagem e não exatamente seu significado é captado – o justo seria supor: a escola é onde tudo acontece, porque lá, o estudante exerce a complexidade da convivência com o Outro<sup>7</sup>.

Então é também pressuposto que a experiência ansiosa, esse estado em fluxo de angústia corporalizado seja nada mais e nada menos do que um curto circuito das interações sociais, um desarranjo de sentimentos? Na realidade é um pouco mais complicado, talvez porque no senso comum e até no senso comum douto (BOURDIEU,

---

<sup>7</sup> Outro escrito no maiúsculo procura situar a Outridade como um atributo das relações de diferença e identificação no campo da cultura.



2004)<sup>8</sup> as emoções sejam percebidas de duas formas: 1. Sensações e 2. Pensamentos que geram afetações, logicamente, e antes tudo, questões de ordem neurológica – o desarranjo das emoções é simultaneamente o desarranjo da química do cérebro. A primeira coisa a se desconstruir é a ideia que o cérebro, a realidade psíquica dos indivíduos e seu contexto sociocultural estariam devidamente separados em atributos distintos e regidos como princípios diferentes: os neurotransmissores, a personalidade e os comportamentos sociais estão intrincados. Clifford Geertz, antropólogo americano, argumentava da seguinte maneira:

[...] a evolução coetânea do corpo e da cultura, o caráter funcionalmente incompleto do sistema nervoso humano, o fato de o sentido ser um componente do pensamento e de o pensamento ser componente da prática – sugere que o caminho para uma melhor compreensão do biológico, psicológico e do sociocultural não passa pela disposição deles numa espécie de hierarquia da cadeia do ser, estendendo-se do físico e do biológico até o social e o semiótico, com cada nível de análise emergindo e dependendo do que lhe está mais abaixo ( e, com sorte, sendo redutível a ele). Tampouco passa por tratá-los como realidades descontínuas e soberanas, como campos fechados e isolados externamente ligados uns aos outros (“numa interface” uns com outros, como diz o jargão) através de forças, fatores, quantidades e causas vagos e acidentais. Constituinte uns aos outros e reciprocamente construtivos, eles devem ser tratados como tais – como complementos, não níveis; como aspectos, não entidades; como paisagens, não domínios. (GEERTZ, 2001, p. 181)

Referendar a subsistência de uma dimensão biopsicossocial das emoções é manter sobre elas sua de complexidade. Portanto, é necessário olhar a experiência emocional dos/as estudantes duplamente situadas: pela realidade escolar das interações e o contexto sócio-histórico que acompanha suas vivências e por seu próprio processo de subjetivação. Situar as emoções enquanto um objeto epistemológico da antropologia implica então reconhecer que:

Emoções são pensamentos de alguma forma "sentidos" em rubores, pulsos, "movimentos" de nossos fígados, mentes, corações, estômagos, pele. Elas são pensamentos incorporados, pensamentos filtrados pela apreensão de que "estou envolvido". O pensamento/afeto, portanto, evidencia a diferença entre a mera audição do choro de uma criança e a sensação de ouvir como quando se percebe que o perigo está envolvido ou que a criança é sua. (ROSALDO, 2019, p.38)

Por esse olhar, a questão emocional-corporalizada da ansiedade comporta desenrolar diferentes fios da realidade de cada sujeito – alinhá-los em parâmetros comuns e depositar sobre qualquer experiência individual sua idiossincrasia. É na experiência

---

<sup>8</sup> O sociólogo francês Pierre Bourdieu argumenta que o senso comum douto faz parte do campo científico, cujos capitais simbólicos são reforçados por estruturas de autoridade, produção de certezas matizadas em uma espécie de consenso. Diferente do senso comum que propicia uma pluralidade, o senso comum douto organiza-se como uma esfera de poder.

ansiosa relatada pelo/as estudantes que se verifica diferentes regimes de afetação que ora enfatizam uma espécie de sentido de época – o atravessamento pela pandemia, a sensação profunda do isolamento o aumento da densidade de contatos intrafamiliares em grande espaço temporal ou as tentativas de demarcar uma individuação. De qualquer maneira, o que entra em jogo é o poder da afetação e dos sentimentos enquanto catalisadores daquilo que a antropóloga portuguesa Marta Roriz (2011) vai denominar de “cognições catastróficas”<sup>9</sup>.

### **Terceira parte: a experiência ansiosa, hipótese I.**

Uma das dificuldades trazidas pelo clima da pandemia foi, talvez enigmaticamente, a possibilidade/capacidade de imaginar os futuros. Uma das principais características humanas, tratando-se, é claro do comportamento simbólico, é a necessidade de projetar-se no tempo e no espaço, tentando criar previsões e provisões. Não por acaso ainda hoje, quando se vai nos centros das grandes metrópoles, andando despercebidamente uma ou outra pessoa com roupas puídas, que se diz cigana, o convida para uma leitura de mãos. Ser capaz de reconhecer o futuro, de criar formas inteligíveis pela borra do café, pela disposição das cartas ou a posição das constelações fez parte de uma gama de rituais de predição. Em múltiplos sentidos psicológicos é a questão do que vai acontecer, posta na mente como um alerta vermelho intenso e atordoante que figura nos quadros de ansiedade. De que maneira, então, é possível voltar a monitorar o futuro sem ser devorado por seu enigma? A pergunta é apenas retórica, pois, a experiência da ansiedade parece desorganizar a percepção simbólica do tempo e tal traço vai ficando evidenciado nas entrevistas.

Na primeira entrevista que realizei na pequena biblioteca da instituição, voltando especificamente ao assunto do texto, detinha enquanto hipótese *a ideia de que a pandemia deixou marcações emocionais duradouras, e por isso, os/as adolescentes vivenciavam uma espécie de repetição das imagens catastróficas trazidas pelos anos de quarentena*. Entretanto, as tentativas de relacionar a pandemia a ansiedade esbarravam na dimensão de prevalência de comportamentos, gatilhos, situações que os/as estudantes diziam serem anteriores a quarentena – ainda no ensino fundamental. Logo, o desafio posto para mim

---

<sup>9</sup> Em sua dissertação, Maria Matos (2011) acompanhou e coletou narrativas de pacientes que faziam a chamada Terapia Cognitivo Comportamental durante mais de seis meses. Em seu relato etnográfico Matos utilizou as categorias cognitivas comportamentais enquanto formas conceitos êmicos que representavam o discurso psicológico e também a questão da adesão terapêutica. Logo, o que ela classifica como cognições catastróficas se ligam aos fluxos de pensamentos intrusivos, negativos, de autodepreciação ou de esvaziamento de sentido da vida que geram uma perda momentânea do senso de personalidade dos sujeitos (despersonalização).

era ultrapassar uma resistência a posicionar as cenas, quadros, contextos, elementos etc. De modo, a abranger uma complexidade subjetiva. No primeiro depoimento, de Cláudia isso ficou mais evidente, afinal ela tomava a entrevista enquanto uma possibilidade intimista de expor suas verdades, de falar abertamente de algo que era apenas dela.

Esse depoimento inicial foi feito a partir do aceite de Cláudia (branca, 16 anos), uma aluna do segundo ano das turmas técnicas, ela tem um cabelo cumprido que se desenha entre o rosto ovalado e o corpo magro. Olhos fundos e estava sempre com argolas e brincos grandes que davam uma profundidade que não existia para sua face. Sua fala se dirigia a perspectivar a ansiedade como algo que é despertado, acionado por imagens e situações:

Teve uma vez que eu estava indo para o banheiro então eu vi uma pessoa encostada na porta do banheiro, que não estava nem tão aberto e nem tão fechado. Quando eu passei reparei que a perna dessa menina estava tremendo. Aí eu só fiquei por lá, depois de vários minutos esperando um sinal para vê se a pessoa queria minha ajuda, eu resolvi bater na porta e pergunta: “você precisa de ajuda, você tá bem?” Ela só levantou a cabeça e não falou nada, só acenou com a cabeça dizendo que sim, queria ajuda. Fui lá e dei um abraço, porque normalmente, o que acho ou que como eu consigo transmitir algo é com meu abraço para acolher a pessoa. Algum toque, passar a mão da cabeça sei lá. E quando eu fiquei lá abraçada com ela, se tornou um gatilho para mim. Porque eu lembrei que as vezes eu ficava no meu quarto e começava a ter crise de ansiedade e não tinha ninguém lá. Eu ficava pensando como eu queria alguém comigo quando eu estivesse daquele jeito. Aí começou a vir várias coisas na minha cabeça, passando vários gatilhos diferentes das várias vezes que eu estava tendo crise de ansiedade. Daí começou a dar gatilho: meu coração começou a ficar acelerado, eu comecei a tremer e a ver várias cenas na minha cabeça. (Cláudia, 16 anos, Entrevista 01, 05/05/2022, p.1)

O relato de Cláudia permite localizar a maneira que os gatilhos de ansiedade são retroalimentados por situações em que se verifica ou se acessa uma memória a partir desse contato imediato com outro. Evidenciando, uma relação empática de identificação. Se ele/ela sente isso, eu também sinto. De certa forma, falar de ansiedade não é pontuar a existência intrínseca de alguém preso em pensamentos e sentimentos confusos e destoantes da realidade, mas, situar uma partilha desordenada de emoções para com o mundo. Os pesquisadores da antropologia médica americana, Byron Good e Devon Hinton (2009) descrevem que as etnofisiologias do pânico, suas sintomatologias, têm variações históricas e culturais. Portanto, os sintomas da ansiedade não se relacionam somente a uma individuação somática de crenças pessoais disfuncionais à padrões psicológicos ou neurofisiológicos. E sim, a um contexto histórico-social que lhe garante inteligibilidade. Na prática isso significa que as patologias se expressam pelas coordenadas culturais dos sujeitos.

Nesse sentido, é importante notar que a formação, mesmo circunstancial do laço entre dois adolescentes, possibilita uma interpretação não psicologizante da questão da ansiedade. Mais adiante ainda no depoimento de Cláudia suas descrições deixam mais visível que quando se remete a crise ansiosa se diz também da qualidade ou da ausência do enlaçamento social:

Na hora as cenas eram do momento em que eu estava tendo crise de ansiedade e eu ficava lá no chão do quarto. Eu começava a me tremer muito, minhas pernas, meus braços e meu coração ficava muito acelerado e passava um turbilhão de coisa na minha cabeça. A sensação de coisas irreais. “Aí será que vai acontecer isso”. Às vezes se relacionava com algum problema que eu estava tendo naquele dia ou já tinha acontecido. E eu pensava vai se tornar cada vez pior, vai piorar. Como eu vou conseguir lidar com isso? Eu não vou conseguir. Ficava cada vez mais pressionando a mim mesma. *Aí não vou conseguir sair dessa, eu sou fraca, e isso e aquilo e não passava nada de coisa boa na minha mente só coisa ruim. Agora no momento, eu não consigo lembrar de muita coisa, está sendo uma coisa até boa para mim. Porque faz um tempo que eu não ando tendo as crises de ansiedade. Agora eu estou conseguindo lidar com ela. Na hora também eu fico chorando muito e meio que tampa essa região aqui, da garganta (gesticula em direção ao pescoço), e eu não consigo respirar. Meu nariz parece que fica tapado. A gente fica tentando e tentado respirar, mas, a gente não consegue.* Às vezes vem uma tontura. Teve uma vez que estava tudo tão forte que eu quase desmaiei. Acho que em cinco segundos eu já não estava mais ali. (Cláudia, 16 anos, entrevista 01, 05/05/2022, p.2, grifos meus)

Em algum momento de sua fala Cláudia utiliza o termo “ a gente” atribuindo um elemento coletivo ao quadro da ansiedade, incluindo aí, não apenas seu ponto de vista individual. Todavia emulando um aspecto, talvez até implícito para ela no fluxo de sua narrativa, encontrava-se o registro social do adoecimento de grupo. Cláudia reforçou para mim no pós-entrevista que conhece várias pessoas e amigos próximos na mesma faixa etária que vivenciam a ansiedade frequentemente. Outro ponto é como os pensamentos intrusivos do qual ela se queixa parecem vir como: recriminações, depreciação, acusações de fraqueza moral.

Na literatura antropológica a questão da adolescência é correntemente representada enquanto um processo de identidade/identificação em que se formam culturas juvenis (PAIS, 2003). Categoria que se presta a descrição de elementos que são subjetivados pelos jovens na forma de tracos, modos, jeitos, bordões, estilos que caracterizariam uma identidade social compartilhada. Se o relato de Cláudia sozinha não justifica localizar a ansiedade enquanto uma patologia social presente nos grupos juvenis atuais. Não poderia deixar de enfatizar que sua narrativa dar pistas, rarefeitas, é claro, da inscrição da experiência ansiosa em um contexto de compartilhamento entre os/as adolescentes. De fato, o problema tem mais um desdobramento. A ansiedade pode ser feita pela conversão de um clima social difuso em que os sujeitos das culturas juvenis se

veem autocentrados nas expectativas dos adultos, gerando uma contínua subjetivação de repreensões, medos, inseguranças implodidos no contato face a face e testemunhados na escola.

Entretanto, a questão da crise pandêmica não é relevante? A hipótese se mantém? Sim e não, é provável que a pandemia impactou diferentemente nossas subjetividades<sup>10</sup>. Pois, trouxe com ela uma série de novos questionamentos paralelos à realidade trágica de seus efeitos mais “visíveis” sejam econômicos e/ou materiais. Me parece viável e até preferível compreender que a crise pandêmica, e qualquer outra crise social e política possa ser entendida simultaneamente enquanto uma crise sentimental. Não em um sentido individualista de uma crise dos sentimentos. Mas, um momento coletivo de quebra/destruição que altera sensibilidades e desconstrói formas de ordenamentos simbólicos e sociais que os grupos criam e enquadram suas sentimentalidades. E por esse motivo seria incoerente da minha parte deixar de pressupor os efeitos emocionais na pandemia no aparecimento dessa ansiedade “generalizada” que estava perpassando um sentimento difuso dentro do colégio. No entanto, o material etnográfico implodia qualquer visão generalizante e o depoimento outra entrevista trazia consigo mais incongruências.

#### **Quarta parte: a experiência ansiosa, hipótese II.**

A entrevista de Sara foi um pouco menos demorada, ela é uma menina branca, de cabelo castanho claro com cachos firmes. Tem olhos pequenos por conta do alto grau de seus óculos. Das várias situações que pude presenciar sobre essa ansiedade, Sara estava em pelo menos 70 por cento delas, sempre amparada por uma amiga que secava suas lágrimas e segurava suas mãos nos momentos de tremeira. Um apoio sincero, todavia, custoso, já que certa vez em uma das minhas aulas a amiga de Sara perguntou de forma direta: “professor quando se tornamos adultos paramos de se importar tanto com os outros?”. Respondi prontamente que tudo era uma questão dosagem, tentei continuar a conversa, mas, ela desconversou e voltou para a cadeira. Bem, esse pequeno caso permite entender que Sara representa quase um arquétipo dos acontecimentos da escola,

---

<sup>10</sup> Para os efeitos subjetivos da Pandemia (2020-2021) a questão, segundo a psicanalista brasileira Ana Paula Brandão Rocha é repensar os distintos afetos que evoluem na dissolução de uma realidade conhecida que passa a ser cada vez mais estranha para a humanidade no geral, e para o Brasil em particular. Para Rocha (2020) o advento da Covid-19 registrou o aumento da sensação de culpa, de esvaziamento, bem como fomentou o medo e a paranoia coletiva assistida por representantes políticos de cunho conservador. Nesse aspecto, a chamada “culpa pandêmica” inscreve-se em um conflito entre a liberdade e a segurança ao mesmo tempo que intensifica a desorientação psíquica em que o Eu passa a se desfigurar com novas exigências.

inúmeras vezes saiu sala, inúmeras vezes era vista na antessala chorando e de cabeça baixa. Sua entrevista, no entanto, apesar de quase sussurrada tinha respostas firmes e uma reflexividade evidente.

Para mim Sara traz no bojo de seu testemunho a complexificação da hipótese II, *a ideia que o espaço escolar, mesmo não intencionalmente, caracteriza-se em um lugar social para chorar lutos, reviver emoções sentidas e represadas por que fora de alcance do Outro. Assim, seria a interação contínua, progressiva e intensa que desaguaria a ansiedade reprimida nas alcovas da quarentena.* Destarte suas resistências iniciais as palavras de Sara encaminhavam-se descrever a sua experiência na forma de um fenômeno curiosamente simbólico e ligado diretamente a rotina da instituição, cuja mensagem estaria propiciada em modos somáticos (CSORDAS, 2008) da vivência de uma angústia que a consumia em episódios frequentes:

Desde que eu entrei na escola tem tudo sido maravilhoso, mas também têm pontos ruins. E desde que eu entrei na escola essa ansiedade ficou cada vez mais delicada. Ano passado eu tive a primeira crise que me desesperou fisicamente e foi na verdade por um sonho, nem foi tanto pela escola. Só que nessa volta presencial foi que eu comecei a vivenciar mais diariamente essas crises. Principalmente esse ano. Às vezes pela tarde, do nada, sem motivo. Já tive crise por causa de matéria, por causa de física, por causa de pessoas da escola. E é simplesmente do nada, eu posso está em uma roda com amigos ou fazendo alguma atividade e do nada bate aquela sensação de desespero. Parece que eu não estou segura ali ou eu fico pensando demais em algum recorrente problema, enfim. Na crise primeiro tem as causas físicas que é a falta de ar, coração acelerado, fico com um tremor nessa parte da boia (gesticula mostrando o local no canto esquerdo do rosto) bem na mandíbula e no braço que às vezes eu não consigo sentir. Isso começou agora pouco essa semana praticamente. Eu fico muito acelerada, tanto que tem vezes que eu acho que vou desmaiar. É como se minha cabeça estivesse a mil e ainda fica várias pessoas perguntando você quer chá, quer não sei o quê. E nem eu consigo descrever o que estou sentido naquele momento. Fisicamente é mesmo a falta de ar, aceleração do corpo e não sei, às vezes eu não consigo andar é como se eu não sentisse as minhas pernas. (Sara, 16 anos, entrevista 02, 12/05/2022, p. 1)

Mesmo com argumentos diferentes que os de Cláudia, Sara declara que é no momento de retorno presencial que passa a manifestar fisiologicamente a ansiedade. No decorrer da entrevista ela complementa esse início, afirmando:

“[...] Dentro da pandemia eu ainda não tinha tido nenhuma crise aponto de ficar com falta de ar ou aperto no peito. Eu acho que já tinha uma ansiedade, mas era mais mental mesmo. A pandemia me deixou fragilizada. Tanto que minha primeira crise foi decorrida de um sonho que eu acordei. Eu sonhei que tinha pegado Covid e no sonho eu estava com muita falta de ar. Quando eu acordei eu me alterei e comecei a ficar com muita falta de ar. E desde pandemia isso foi piorando, desgastando e essa ansiedade não passava. Só que era mais mental mesmo, física não. (Sara, 16 anos, entrevista 02, 12/05/2022, p.1)

Muitos pesquisadores no âmbito das humanidades investigaram as questões relativas ao luto e sua expressão. É difícil dizer explicitamente que Sara ou Cláudia

expressam formas de sentimentos de luto e que a ansiedade provém de um conjunto de imaginários sociais catastróficos instigados difusamente por um pânico desorganizado ou desprezado; que afetou os processos de subjetivação amplamente. Porém, ao diferenciar o mental do físico, o pensamento e sua afecção somática; Sara põem em evidência uma ligação entre o aquilo que se imagina e aquilo se pratica. Seria como uma expressão fisiológica que finalmente encontrou uma forma se materializar aos olhos do Outro (já comentei sobre isso). O etnólogo francês Marcel Mauss (1979/1921), a exemplo do que trato: formulou com base em dados etnográficos vinculados aos povos autóctones da Austrália que os sentimentos de luto e tristeza, partilhados nas cerimônias fúnebres, por meio choros, assovios estridentes de algumas etnias locais, seria antes a ordenação social dos sentimentos, focalizada em gestos expressivos cujo intuito é marcar uma relação.

Na quarentena talvez fosse o problema de deslindar o luto e mais ainda difícil compreender se uma sociedade é capaz de demarcar sua tristeza coletiva e reorganizar seus rasgos emocionais depois de quase dois anos de isolamento. Sara acaba refletindo que existe implicitamente um luto conectado a imagens cataclísmicas da Covid-19, não exatamente por ela ter sonhado, mas porque seu sonho expos sua conexão com outros tantos sujeitos e sujeitas que acabaram catalisando emoções de desespero socialmente difusas. Isso releva a abordagem de Lutz e Abu-Lughod (1990), em que se pese uma configuração microscópica dos sentimentos referendada em um contexto político instável. Assim: medo, desespero, angústia e incerteza foram sendo usados como perspectivas políticas de controle por parte de autoridades públicas, que senão esvaziaram o debate da real ameaça representada pela pandemia; criaram condições de dúvida, negação e incitação ao ódio. Nesse sentido, os discursos emocionais funcionam para além de sua expressão imediata, são pensados, consumidos, divulgados, estruturados e por fim, vivenciados.

Voltando-se para a continuidade da entrevista de Sara a questão também perpassa suas relações socioafetivas, impactando o modo como se relaciona com outras pessoas e sua parentela. Logo, além de um turbilhão de emoções vivenciados a partir da ansiedade, com um bombardeamento de pensamentos autodepreciativos ela lida com a gestão social de sua saúde psíquica entre vergonha e reclusão:

[...] Nesses tempos agora eu tive um término e aí as crises aumentaram. Ele era uma pessoa que me ajudava muito, principalmente na crise de pânico, crise de ansiedade. E agora eu fiquei com certa dependência nele, eu sempre procurava primeiro ele. Agora eu procuro mais os meus amigos, tanto que quando eu estou com crise a primeira que vai comigo é Silvia. Assim, eu sinto que é

cansativo para eles porque talvez seja. Eles não sabem muito bem o que está passando na minha cabeça. Por mais que eles me ajudam, eu também tenho que tentar me ajudar.

[...] Eu acho que meus pais não sabem que tenho ansiedade. Até para os meus amigos mesmo eu fico com vergonha de falar quando estou com crise ou algo assim. Com meus pais eu fico evitando falar desse assunto, por mais que vá ter alguma crise de ansiedade em casa. Eu tento ficar de não entenderem ao ponto de fazer alguma coisa para me ajudar. Então eu só evito falar desse assunto. Parando para pensar acho que a reação deles seria “por que você está assim? Qual o porquê disso?”. Então eu sei como chegar para eles e dizer que eu tenho ansiedade. Eu tenho isso, tenho aquilo. Esse pensamento antigo diz muito sobre o que você tem ou não, então se você tem muita coisa você não tem motivo para está assim. (Sara, 16 anos, entrevista 02, 12/05/2022, p. 2-3)

Ela classifica como “antigo” o pensamento dos pais que, possivelmente, em suas ideias iriam relacionar a afetação psicológica com a ausência ou a escassez de condições econômicas de subsistência. Quiçá existe alguma precisão em sua intuição. De certa maneira, a ansiedade tornar-se para ela uma experiência complexa que vai agregando-se a diferentes emoções, medos, imagens e pensamentos. Logo, é importante perspectivar essa experiência ansiosa como um complexo de ambivalências emocionais, apontando: “[...] o viver através do corpo, o estado de ser incorporado, correspondem a ter o corpo como base para a constituição do mundo humano, uma forma culturalmente constituída de ser- no-mundo” (RORIZ, 2011, p.6). Essa abordagem fica bem mais evidente quando Sara explora a descrição de sua crise enquanto um momento diapasão de si mesma:

Assim, lembrando agora da sensação da primeira crise. Eu lembro que parecia que tudo ao redor estava muito distante e ao mesmo tempo muito perto. Era como que por mais que segurasse em algo, tocasse em algo, eu não me sentisse ali. Entendeu? Por isso, tenho mania de apertar as mãos ou estralar os dedos para sentir que estou na realidade. É como se sua mente estivesse distorcendo tudo. Eu sinto um aberto muito grande no peito. Tanto tentando desabotoar os botões da minha blusa. Como se tivesse alguma coisa apertando, apertando muito. A sensação de que vou morrer. (Sara, 16 anos, entrevista 02, 12/05/2022, p.4)

O argumento de Sara põe em evidência a margem somática que estrutura formas de sentir em que o mundo referenciado se projeta internamente e externamente em um movimento de fluxo e contrafluxo. Aqui fica claro que ela reflete sobre o que sente, mantendo inclusive um discurso articulado de pensamentos e sentimentos dos momentos de crise e das sensações corpóreas que a acompanham. Todavia, é interessante pontuar que a suposição de luto social, de uma tristeza coletiva que estaria manifestadas das crises não se confirma, pois, em certo sentido, Sara organiza seu depoimento remarcando constantemente sua própria subjetivação tentando cortar laços de significado externos. Portanto, a pergunta da hipótese II, não se mantém. Mas, se sobreleva. Porque a escola desencadearia a vivência da ansiedade se não existem, a princípio, um conjunto de



emoções represadas? Não é que não existem essas emoções – porém, a força explicativa de um luto social difuso, mingua sem evidências mais consistentes<sup>11</sup>.

É pressuposto que a escola enquanto lugar de sociabilidade permite refazer distintas suposições sobre as manifestações emocionais e afetivas dos/das estudantes. Esse espaço social do desague sentimental cria diferentes formas de projeção para relacionamentos, pensamentos, ideias e modos de existência dos/as adolescentes. Seria incoerente afirmar que essa experiência de ansiedade não diga algo acerca da maneira que eles e elas gerenciam sua saúde mental, suas interações familiares e outros aspectos da sua vida pessoal. Constituiria até repreensível não atinar para os eventos pandêmicos como produtores de um enlutamento sutil de vários segmentos, imagine no caso dos adolescentes que viram suas relações se diluírem em um sentido exponencial, tão rápido e tão intenso. Nesse caso, as crises da ansiedade na escola recorrem a uma “expressão obrigatória” dos sentimentos, por mais, que no frígir dos ovos não saibamos quais exatamente.

### **Considerações finais: outras pistas**

O percurso do texto, excetuando-se as entrevistas, teve como marca desalinhar e realinhar um conjunto de impressões sobre os acontecimentos relacionados a questão da ansiedade manifestada pelos/as alunos/as no contexto do retorno das aulas presenciais. É relativamente complexo fazer qualquer afirmação já que o material etnográfico ainda está em processo de coleta, pois, o projeto de pesquisa que encabeça a pesquisa não foi finalizado. Ainda sim, é válido pensar que essa experiência ansiosa acaba tendo características comuns: a relação entre o medo, a vivência extenuante de sentimentos morais de autodepreciação e desespero; a rotinização da retomada das interações sociais, a figuração do descontrole emocional relacionado a um fenômeno de desestabilização do corpo e de suas reações; os argumentos de identidade/identificação entre os/as estudantes também como elemento difuso que atravessa a manifestação das crises.

Diante de tais indicações é possível vincular a questão da ansiedade com o fluxo de emoções que se materializam em pensamentos e se seguem em uma experimentação corpórea da angústia. Também é razoável o pressuposto que a crise pandêmica correu o trato do “controle emocional” como resultado o retorno as aulas presenciais produziram

---

<sup>11</sup> A abordagem psicanalítica do luto por vezes argumenta que a relação enlutada representa sempre uma ambivalência afetiva, caracterizando diferentes formas de marcar o tabu com a morte. Nas formulações freudianas as experiências individuais de sofrimento se espraiam na cultura de modo criar rituais, interdições, lógicas sociais que buscam apaziguar uma relação de culpa e gozo (AMORIM; VIANA, 2003).

uma espécie de refluxo de sentimentos, ora represados pela baixa densidade de contatos sociais fora das tecnologias telemáticas e da vida intrafamiliar. Apesar disso ou a partir disso, a experiência ansiosa descrita parece ter uma outra pluralidade de causas. O impacto do neoliberalismo nas políticas educacionais nos últimos anos vem potencializando leituras estritas da realidade escolar e relacionando desempenho acadêmico com índices numéricos (APPLE, 2015). Esse efeito é visível nas análises macrosociológicas sobre a educação nos contextos nacionais, na área de políticas públicas e até em parte da reflexão pedagógica. Mas, dificilmente examinamos com precisão a formação de um sujeito cognitivo-liberal desde os sentimentos. Ou melhor, quais as emoções que significam o neoliberalismo? Como o neoliberalismo habita os sentimentos dos sujeitos afetados pelas novas revoadas de provas, avaliações e a lógica do ranqueamento?

Do outro lado, além de perspectiva os impactos socioemocionais das políticas educacionais no chão experiencial da escola, na vida psíquica dos/as estudantes pode-se repensar a alteração das percepções temporais trazidas pelo conforto tecnológico. A antropóloga brasileira Maria José de Abreu, em artigo publicado em 2013, sugere que a sensação produzida pelo rápido avanço tecnológico gerou uma impressão indeterminada dos fluxos temporais, uma imediatez avassaladora que reiterou sentimentos de medo, incerteza e aversão ao sentido espera. Essa perspectiva é útil para relacionar as crises dos estudantes em um contexto que transpassa apenas o espaço social escolar e cria condições para refletir mais acuradamente o quanto e como as novas tecnologias modificaram os processos de simbolização do tempo. Formulando temporalidades aceleradas cuja experiência emocional segue a mesma lógica.

Antemão aos sentimentos das crises da ansiedade, parecem estabelecer uma gramática moral estilizada nas relações intrapsíquicas dos/as estudantes. Afinal, eles/elas relatam que seus pensamentos são cheios de autocensura, recriminação, arrependimento, fracasso e sintetizados em um processo de incorporação e instabilidade emocional. O medo, a sensação de desespero então emergem enquanto critérios mais ou menos visíveis de sua autodepreciação agora potencializada porque o “controle emocional” se esvai ante a intensidade do sofrimento, ante a visão dos colegas e dos professores. Além de demonstrar conflito entre o Eu e as expectativas do desejo do Outro. Diante dessa impressão, relembro que as antropólogas Claudia Barcellos Rezende e Maria Claudia Coelho argumentam, em atenção a micropolítica das emoções, justamente esse aspecto:

[...] a emoção seria algo que existiria somente em contexto, emergindo da relação entre os interlocutores e a ela sempre referida. É nesse sentido que se pode falar de uma “micropolítica das emoções”, ou seja, de sua capacidade para dramatizar, reforçar ou alterar as macrorrelações sociais que emolduram as relações interpessoais nas quais emerge a experiência emocional individual. Assim, então, que as emoções surgem perpassadas por relações de poder, estruturas hierárquicas ou igualitárias, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras entre os grupos sociais. (REZENDE; COELHO, 2010, p.78)

A inclusão de uma “micropolítica” da experiência ansiosa pode significar a possibilidade de rememorar gestos da política institucional de alto impacto como o veto a psicólogos e assistentes sociais na rede pública de ensino<sup>12</sup>. Também serve para demonstrar que ao falarmos de ansiedade enquanto um fenômeno supraindividual atrelado a diferentes camadas de contextos, sejam históricos, sociais ou mesmo intimistas, aponta-se para sua manifestação como algo que percorre as relações entre o Eu e o Outro, entre o Eu e o Mundo. Cabe pontuar: ainda que os resultados sejam apenas parciais e localizados, circunscritos na E.E. P. Alan Pinho Tabosa a investigação procura lançar luz sobre um pico de reações, experimentos, fenômenos, alterações e atmosferas emocionais que tornam a inscrição da escolarização e da aprendizagem nas instituições escolares, alguma coisa muito mais complexa que a função de “formar” mão de obra qualificada.

### Referências

ABREU, Maria José A. *Technological indeterminacy: Medium, threat, temporality*. Amsterdam, **Anthropological Theory**, v. 13, n. 3, p. 267-284, sept. 2013. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1463499613492093>>. Acesso em 13 de mai. 2022.

AMORIM, Ana Karenina Arraes; VIANA, Therezinha de Camargo. *Luto, tabu e ambivalência afetiva: a experiência de sofrimento no psíquico e na cultura*. **Revista Latino-americana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. VI, n. 04, p. 23-38, 2003.

APPLE, Michel W. *Produzindo diferença: neoliberalismo, neoconservadorismo e a política da reforma educacional*. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 21, n. 46, p. 606-644, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1935/193543849005.pdf>. Acesso em 30/06/2022.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.

CASTILLO, Ana Regina Gl *et al.* *Transtornos de ansiedade*. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, [S.L.], v. 22, n. 2, p. 20-23, dez. 2000. EDITORA SCIENTIFIC.

---

<sup>12</sup> Ver: **Bolsonaro veta atendimento de psicólogo e assistente social nas escolas públicas**. Agência Câmara de Notícias (09/10/2019). Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/596942-bolsonaro-veta-atendimento-de-psicologo-e-assistente-social-nas-escolas-publicas/>. Acesso em 10/07/2022.

<http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462000000600006>. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/rbp/a/dz9nS7gtB9pZFY6rkh48CLt/?format=pdf&lang=pt>.  
Acesso em: 14 jun. 2022.

CSORDAS, Thomas. **Corpo/Significado/Cura**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2008.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GOOD, Byron; HINTON, Devon. *Introduction: Panic disorder in cross-cultural and historical perspective*. In: DEVON E. Hinton; BYRON J. Good (Orgs.). **Culture and Panic Disorder**. Stanford, California: Standford University Press, p.1-31, 2009.

LUTZ, Catherine; ABU-LUGHOD, Lila. (Eds.). **Language and the politics of emotion**. Studies in emotion and social interaction. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

MAUSS, Marcel. *A expressão obrigatória dos sentimentos* (1921). In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Marcel Mauss: Antropologia**. São Paulo: Ática, 1979.

MIGUEL, Fabiano Koich. Psicologia das Emoções: uma proposta integrativa para entender a expressão emocional. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 20, n. 1, p. 153-162, 2015. <https://doi.org/10.1590/1413-82712015200114>. Disponível em:<  
<https://www.scielo.br/j/pusf/a/FKG4fvfsYGHwtn8C9QnDM4n/?lang=pt>>. Acesso em: 10/07/2022.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2003

REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. **Antropologia das Emoções**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

ROCHA, Ana Paula Brandão. *Psicanálise em tempos de pandemia: o que pode um psicanalista?* **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 59-72, 2020. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v5n2/v54n2a05.pdf>>. Acesso em 28/06/2022.

RORIZ, Marta. **Corpos em pânico: narrativas, trajetórias e contribuições para uma antropologia médica da perturbação de pânico**. 2011. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia Médica, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2011.

\_\_\_\_\_. Modernidade e sofrimento: contribuições para o estudo do caso da perturbação de pânico. **Configurações**, Coimbra, v. 8, n. 0, p. 1-10, 2011. 10.4000/configuracoes.845. Disponível em:<  
<http://journals.openedition.org/configuracoes/845>>. Acesso em: 10/06/2022.

ROSALDO, Michelle. *Em direção a uma Antropologia do self e do sentimento*. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, João Pessoa, v. 18, n. 54, p. 31-49, 2019.